



23126



Gaiato

28 DE JANEIRO DE 1967
ANO XXIII — N.º 597 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

IMAGEM DAS FESTAS DO ANO PASSADO. É O AMÉRICO DE BENGUELA, MAI-LO SEU CONJUNTO DE CATEGORIA.

FESTAS

O tempo voa. Ainda há pouco — me parece a mim! — deixámos umas e já as deste ano estão na forja.

João anda congeminando desde há semanas. O gravador é a sua arma. Volta e meia lá vai ele ao Rádio Clube ou à Renascença, gravar. Depois, pelo silêncio da noite, que é hora propícia à inspiração, ei-lo de papel na frente, lápis na mão, escutando e re-escutando baixinho a melodia, para encontrar o poema que o há-de recheiar. Este ano — consta-me... — ele ambiciona servir aos nossos espectadores uma opereta. De modo que o cantarol é o veículo da acção no palco e tem muito que se lhe diga.

Maestro Miguel de Oliveira que, paciente e generosamente, põe ao nosso dispor o seu saber, já aí veio duas vezes da distante Monção, para transcrever no papel as melodias que João gravou e depois as orquestrar. Este ano, porém, ele próprio já notou que a tarefa é mais exigente, porque a música menos correntia.

Isto são indiscrições que eu aqui revelo sem querer saber dos protestos do Director Artístico, por quanto ele «faz uma caixinha» levada da breca sempre que eu procuro penetrar o segredo dos deuses. Elas, as indiscrições, são portanto a minha vingança — o prazer dos deuses!

X X X

Com o sector organização e publicidade, a coisa anda também em bolandas. Júlio trouxe-me já um rôr de officios e requerimentos para assinar... e ainda a procissão não saiu!

O itinerário não está aprovado em definitivo. De certeza, por agora, só Coliseu, na noite de 2 de Março.

Acertarmos datas nas várias terras aonde costumamos e desejamos ir não é tarefa fácil. Nós queríamos ver se as levávamos a eito, de modo a poupar viagens e canseiras aos nossos artistas, dos quais fazem parte como estrelas os «batatinhas». Vamos a ver o que se consegue.

Esperamos visitar quem no ano passado nos acolheu tão bem. E tentar a estreia em Famalicão e Espinho e S. João da Madeira, cá no norte; e descer até Leiria, que há um ano nos reclamou por várias bocas que falavam o que lhes ditava um coração nosso amigo e cioso do novo teatro da sua terra.

Até ao primeiro Coliseu temos ainda mais dois jornais para dar notícias. Mas o nosso público do Porto já de nada mais precisa senão saber o dia, para ir deitando contas à vida e não ficar sem bilhete. Para a maioria das outras terras teremos mais oportunidades — assim o espero — de assinalar bem, sem possibilidade de enganar, a nossa passagem por lá.

Depois de um período relativamente calmo, o início do ano trouxe-nos muitas preocupações. Tem sido uma avalanche tal de pedidos de entrada de garotos na Casa do Gaiato que já não há canto abrigado sem camas. Caímos numa situação aflitiva. Não querendo ser armazém de rapazes estamos a viver como tal. E os pedidos continuam, de longe e de perto.

De Silva Porto chega-nos recado de um garoto de 12 anos que necessita ser amparado enquanto é tempo. Do Libolo já são três cartas, pelo menos, a falar do abandono a que anda votado um miúdo deixado pelo pai e pela mãe que fugiram. De Luanda, pedidos idênticos. Hoje mesmo fomos à caixa postal 820 e uma carta do Cubal traz-nos a notícia de dois pequenos, um de 12 e outro de 6 anos «filhos de uma desgraçada mãe» (porque não diz também: filho de um desgraçado pai?)

Filhos ilegítimos?

Prosseguindo o estudo do Estudo sobre o «Direito da Família no futuro Código Civil (2.ª parte)», que fundamenta o que veio a ser a lei, deparamos no n.º 5 com uma linda página sobre o amor conjugal e a sua projecção nos filhos. São palavras meditadas do Pensamento de Deus — que o poderiam ser, também, do comportamento de muitos casais que procuram viver conformes àquele Pensamento. Ao lê-los, com o proveito de ideias muito prestáveis a quem tem de fazer frequentemente homilias de casamento, eu fico a pensar se a lei competirá ser duplicação da LEI; ou, não deverá, antes, suprir os maus efeitos provocados pelos que a contrariam.

A LEI é toda positiva. A sua penalidade é o pecado. Pecado que começa por ser delito contra a LEI. Como, porém, ela é toda positiva, o pecado é essencialmente negação. Portanto, ele contém em si, como in semine, todas as consequências más que são as penas do pecado. Estas consequências já se sofrem no mundo — e de que maneira! — e com que intensidade! Mas culminam, ou recebem seu último jeito depois da vida terrena.

Ora para os homens cuja consciência é sensível à LEI, — que o mesmo é dizer, ao pecado —, ESTA vale por si e as Suas penalidades aplicam-se-lhes ipso facto. É o remorso, dor dura de sofrer.

Não quero dizer, que todos estes sejam fieis e sempre obedientes aos preceitos de Deus, que a cada um os diz duas vezes: na Lei Natural, impressa na consciência do homem normal; e no Decálogo.

Contudo, para estes, a consciência é ao mesmo tempo fonte de luz e travão e princípio de remédio. Podem cair, por humana fraqueza. Mas logo a consciência os acorda e os move a erguerem-se e a reporem quanto podem, o que se roubaram e roubaram aos homens seus irmãos, de Paz, de Justiça e de Amor, com o seu pecado. Há, portanto, um equilíbrio estável que automaticamente tende a refazer-se após cada perturbação.

Cont. na pág. DOIS

Areias do Cavaco

que não é capaz de os educar. Pois como é possível «uma desgraçada» (e um desgraçado) fazer educação?

No mesmo dia, uma rapariguinha ainda nova com um filho pequenito pela mão e outro mais pequeno ao colo diz-me que foi abandonada pelo homem com quem vivia e lhe deixou aqueles filhos. Quer dar-nos.

Apeteceu-me chorar mais ela. Ninguém lhe dá a mão. Nem a Lei a defende e a eles também.

Nada neste mundo faz sofrer mais do que a injustiça. Por vezes damos a impressão de revoltados. E somos uns revoltados contra este estado de coisas.

Apesar da gravidade do problema, pois se trata do fundamento de uma nação, temos a impressão de que o novo Código de Leis não atinge o mal na raiz e continua a oferecer paliativos e mais nada. E continuaremos na mesma: a sofrer as injustiças de que são vítimas os nossos irmãos mais pequeninos. E porque são irmãos; e porque são mais pequeninos e não se podem defender — já-mais nos calaremos. «O Gaiato» é a tribuna deles. Há-de continuar a ser o eco da voz destas vítimas inocentes.

Do Lobito há meses que não nos largam. São dois pequenos sem ninguém. De Benguela idem.

Continua na SEGUNDA pág.

A procissão aí vai pela primeira vez neste 1967, que desejamos cheio de graça para todos aqueles que nela participam, alguns há tantos anos que, certamente, não mais deixarão de nela figurar.

Não podemos deixar de recordar em especial aquele casal amigo (este ano vieram também duas netinhas) que às 9 horas da manhã de 1 de Janeiro aí estão para assistir à Missa, tomar connosco o café — e à despedida deixam duas dúzias para duas casas. Este ano foi o 13.º consecutivo. E, como se fora pouco isto e muitas outras espécies de presenças na roda do ano, deixaram-nos um malão de caixas de peúgas e de camisolas, algumas delas feitas por uma filha.

Como começamos por aqui, que desfilem já os outros das casas por inteiro: «Casa de Santa Teresa» 20 contos; mais 12 contos de Hugo Manuel, e 15 para a «Casa Palmira e José».

Seguem-nos os de todos os meses: É uma presença dupla da Alda G. do Ribatejo; uma quádrupla da Maria, do Pequeno Louvre; uma tripla de Berta e Jorge; mais outra, da mesma sorte, da que pede a conversão de um chefe de família; e duas vezes o Major «do silêncio»; e a Mary de Vilar de Andorinho, com a anualidade completa; e a Odete, de Viseu, idem.

Vamos agora aos vários que concorrem para a mesma Casa. Desta vez é a dos licenciados que vence a competição... por falta de concorrentes. Uma presença de Castelo Branco com 200\$; outra das Caldas da Rainha (creio até que duas, ambas de 150\$!); e outra não sei de onde, de alguém que «fez uma viagem pela Europa e vem render graças a Deus por

AGORA

lhe ter permitido fazê-la em paz e saúde».

Surgem já os avulsos e vamos imediatamente referi-los: Uma Maria, de Areeiro — Coimbra, com vários pagamentos dos quais sobraram 40\$ para o Património. Uma Albertina com 50\$. Os «Bairristas do Palácio», em sua excursão anual deixaram 971\$40. Maria Luísa, de Lisboa, 300\$, «conforme promessa feita». Um terço da filha do Assinante 20.856. 500\$ de Benilde de Castro Daíre. Um quinto de um Escrivão de Direito do Porto. E o dobro de um economista da mesma cidade. E esta carta tão rica de doutrina do que poderíamos chamar o «Essencialismo cristão»:

«Porque costume compartilhar com a vossa Obra quanto me permitem as minhas modestas possibilidades, sempre que algo de bom consigo na vida, e porque esse facto o considero no momento presente, pela aquisição de uma modesta casinha na Província, venho, para completar o prazer obtido, enviar em vale do correio, a pequena importância (100\$00), que desejaria fôsse utilizada em alguns tijolos a empregar na construção da primeira casa a levantarem para uma família pobre.

Dessa forma, satisfarão o desejo do antigo subscritor que tem sempre estado «presente» e com grande interesse acompanhado os esforços e feitos da vossa grande missão».

Vamos agora aos Pessoais. São sempre os mesmos. Que pena outros, ao menos de empresas congêneres ou repartições semelhantes, não se meterem em brios e não se lancem no caminho, afinal bem simples e feliz, destes seus companheiros no trabalho nacional!

Temos quatro presenças dos Funcionários da Caixa Textil: 200\$ referentes a Agosto; 293\$ a Outubro; 305\$ a Novembro; e 280\$ a Dezembro. Isto — relembramos — é o produto de 1\$00 mensal. Suponhamos que todos os Funcionários, vá lá!, só das Corporações, faziam o mesmo. Quanto lhes custava?

E que resultado se não obteria! O mais difícil é sempre realizar as coisas fáceis! Temos outras tantas presenças, do Pessoal do Grémio da Panificação, totalizando 685\$ nos quatro derradeiros meses de 1966.

E termina o desfile deste grupo, o Pessoal da HICA, com 1.736\$80 em Setembro; 1.747\$40 em 7 de Outubro; e logo em 14 do mesmo mês mais 1.790\$70; e 1.726\$20 em Novembro; e 1.733\$10 em Dezembro. E agora em Janeiro, ao entregarem os seus 1.955\$70 deste mês, a Administração da HICA, fiel ao seu velho propósito, juntou 11.119\$40, tanto quanto os seus empregados ajealharam no 2.º semestre do ano findo.

E, como já vai sendo costume, eu tenho de partir aqui a Procissão de hoje, porque vinha aí a avalanche dos das Casas a prestações, que tomariam à sua conta quase o resto do jornal, o que não pode ser.

casas, por não satisfazerem as condições sanitárias mais elementares, quanto não se fica a dever a esses? Serão os próprios habitantes do Barredo a impor-se a si próprios uma auto crítica do seu habitat, a vingar critérios que há muito podiam estar estruturados de cima, para grande vantagem do bem comum.

O Centro Social do Barredo lançou ali raízes e está bem. Tem a sua missão. Mas as outras obras ou Conferências Vicentinas ou seja quem fôr, dêem a mão ao Pároco. Ele sabe qual a família ou a pessoa isolada, mais em necessidade. Cada um pode comprometer-se com a que lhe for indicada e visita essa ou essas e mais, não. Todos terão na medida que precisam e a seu modo. Não é esmola só o dinheiro. O emprego, o internamento, ou o amparo vigilante ao dinheiro mal administrado, são no muito mais. Aqueles, que por lá iam de iniciativa própria, não o façam mais, sem passar por S. João Novo ou S. Nicolau a pe-

Barredo

Nunca como neste Natal, desejei tanto que o Barredo já não fosse. Para muitos será novidade, para outros será escândalo, que ali vão normalmente vinte e quatro instituições de assistência, levar pequenos óbulos, sem coordenação alguma, todas certamente interessadas em ajudar, mas todas comprometidas afinal, num erro social, cujas consequências são em parte causa do desequilíbrio do próprio Pobre.

Não está certo, nem nunca um combate à miséria surtirá efeito com tal desacerto. É necessário entendimento, esclarecimento concreto dos casos de verdadeira pobreza e da maneira mais adequada de a socorrer.

Mas em certo sentido, embora de menos vulto e projecção, é o chamado turismo do Barredo. Há pessoas, bem intencionadas sem dúvida, que vão fazer horas, a visitar Pobres, deixando aqui e ali uma ajuda condizente, talvez, com a lamúria dos que encontram. Pessoalmente e por escrito, soube que ali foram vários, na boa intenção de repartir, naqueles dias, um pouco de aconchego. Por mim, não fui e senti-me até com vontade de não mais lá voltar. Uma vez que se não põe cobro à especulação do alojamento que é o maior sorvedouro dos dinheiros que ali caem, apeteceu-me «sacudir a poeira dos sapatos» e caminhar para outros lados. Mas alto lá. Que «O Gaiato» também tem a sua responsabilidade! Por muito falar no Barredo e muito querer interessar os leitores na solução dos problemas, sem contudo lhe competir tomar a orientação prática das coisas, é que se chegou a este ponto.

É momento de considerarmos bem o caminho a seguir. Não há muito fizemos aqui referência aos desejos do Pároco do Barredo de minorar aquela miséria, com iniciativas que, pensámos, seriam mais a somar a tantas. Ora, não senhor. Pelo que já vi e ouvi, de maneira nenhuma. Porquê? Porque os próprios Pobres foram chamados a resolver, eles mesmos. Houve uma reunião deles. Deram a primeira palavra a Pai Américo, pois foi quem deu a conhecer ao Porto o que se passava dentro dos seus muros. Depois a palavra foi deles, dos homens dali. Abordaram o problema em cheio e são eles, os que aparentemente menos podem, os mais interessados a lutar eficazmente contra a miséria daquela zona.

O Pároco vai coordenar forças vivas. Homens interessados em ajudar sob qualquer forma o seu semelhante. É a primeira base. O interesse. Depois, há na freguesia pessoas que podem dar uma refeição por semana, ou por dia; pagar uma renda de casa; dar umas horas no Centro da Paróquia. Tudo terá o seu lugar. «Muitos poucos fazem muitos». Há os que podem fazer um pequeno serviço de vantagem para a comunidade paroquial, e receberão uma ajuda que resolva o seu problema. Há os que não podem dar tempo, nem refeições, dão do seu bolso, para as despesas gerais. Há os que podem na sua esfera de relações ventilar os problemas de trabalho, de saúde, de habitação, e inquietar, fazer pressão, formar opiniões. E se, por exemplo, se conseguir um dia abolir a lei que permite o regime das hospedarias, fechar algumas

dir o conselho prudente do Pároco e sigam-no. Olhem que o Barredo é «terra de mártires, de heróis e de santos», mas nem só.

Soubemos com muita alegria que o Senhor Bispo já por lá andou. E tem a seu cargo a alimentação diária de diversas famílias. Que belo exemplo! Vamos a fazer o mesmo.

Padre José Maria

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

Mas temos uma esperança. Vivemos já a certeza que nos dá esta esperança: não demorará muito a podermos receber mais 20 destes filhos de ninguém. Já passam dos 70 os que ora vivem connosco. Muito em breve atingiremos os 100.

A nossa Casa Mãe, de vagarinho mas firmemente, vai a caminho do fim. Debaixo das suas asas de mãe receberá pelo menos 20 filhos abandonados.

Bem sabemos que essa alegria há-de continuar a ser gerada na dor até ao fim. Temos a certeza que não somos sôzinhos a sofrer as «dóres de parto» dessas duas dezenas de filhos. Sabemo-lo por experiência. Também sabemos que se fossem mais a sofrer connosco mais depressa chegaríamos ao fim. No dia em que a Casa Mãe da nossa Aldeia for habitada haverá mais alegria na terra, porque haverá mais Justiça.

Padre Manuel

Filhos ilegítimos?

Cont. da PRIMEIRA página

E aos outros — os que desconhecem a LEI, ou fazem profissão da sua ignorância e, logicamente, se esterilizam para todo o bem que o remorso poderá gerar? O que fazer a estoutros, aqueles que por posição têm o dever de procurar o equilíbrio estável da sociedade cujo governo têm sobre si?

Torno a recordar as palavras do legislador com que terminava o último artigo: «...a realidade viva não muda de natureza, só porque a lei a cobre ou disfarça com um manto protector».

Pois em todo este capítulo do Direito da Família — de que se trata, senão de realidades vivas, onde o convencional só pode ter o lugar muito restrito que as limitações humanas não são capazes de eliminar completamente?!

Ora artificial é toda a concepção em que assenta a aposição dos adjectivos legítimo e ilegítimo à realidade viva que é um homem, desde que a referência não seja feita à LEI, que é valor absoluto, essencial, diríamos até, existencial porque Ela não é outra coisa senão a Norma da Natureza que Deus fez.

Aos outros, os que desconhecem ou vivem como se a LEI não fosse, é preciso que a lei atinja, também por via positiva, sem dúvida, mas ainda por via penal, de modo que o remorso que não brota de dentro surja de fora, imposto pela sociedade dos homens que, por amor uns dos outros, não podem hipotecar as condições do seu equilíbrio estável, que só elas são capazes de estabelecer entre si o Reino da Justiça, do Amor e da Paz.



Cidade dos Rapazes de Orense

Já há meses, P.e Silva e alguns dos seus rapazes mais responsáveis tinham estado connosco em Paço de Sousa. Depois disso dois dos nossos padres e Zé Adolfo retribuíram a visita, que, embora breve, muito nos tinha cativado.

Fazem-nos bem estes contactos com obreiros de obras similares, que sempre nos trazem algo de novo e, que mais não fôsse, nos acrescem a certeza de que é o mesmo Espírito quem sopra onde quer; e, por isso, em vários lugares da terra, parceiros do mesmo ideal jogam a sua vida, sem qualquer reserva, em favor dos filhos de ninguém.

Pois parte da comunidade de Orense, a que se ocupa da Escola de Circo, esteve no Porto e nós só o soubemos poucos dias antes da sua vinda, quando a Empresa contratante nos informou da intenção de P.e Silva nos dedicar uma das exi-

bições dos seus Rapazes, quer no Porto, quer em Lisboa.

Infelizmente, com certeza pela afluência de uma série de factores que tornaram a época da sua apresentação pouco propícia, o Circo da Cidade dos Rapazes não teve do público nortinho o acolhimento que este costuma dar a iniciativas desta espécie — e nós que o digamos pela experiência do carinho recebido nas nossas Festas. Tivemos pena. Tivemos, porque P.e Silva e os seus Rapazes partiram desconsolados — tanto que, receosos de igual frieza em Lisboa, resolveram cancelar os seus espectáculos lá.

Esperamos que uma nova vinda seja preparada de outro modo e que então nos havemos de alegrar com a recepção amiga prestada a estes irmãos espanhóis (também no grupo há alguns rapazes portugueses), tal como se fôra a nós mesmos.

O interesse dos leitores continua a manifestar-se com o maior entusiasmo. Ninguém se cansa! Ninguém se repete. As cartas são depoimentos salutares. Hoje, como naquele tempo, sucede o mesmo. Os Apóstolos contaram a vida do Senhor à sua maneira, com a força do Espírito Santo. Com a mesma Força, de maneiras também diferentes, os nossos leitores abrem a sua alma, e incendiam o mundo, conforme são e vivem. E renovam-se em páginas da vida prática de Pai Américo em sua missão de servo junto de nós, dos Pobres.

Ora ouçam uma mensagem de Tomar:

«Já recebi antes 2 colecções desses livros preciosos e tenho-os espalhado pelos amigos; há dias até deixei um deles na cadeia, oferecido a um condenado a pena maior.

Tenho sempre um exemplar à cabeceira da cama e todas as noites leio uma ou mais páginas, grandes temas de meditação: A Caridade é afinal todo o Cristianismo.

Sou assinante de «O Gaiato» quase desde o princípio e ao longo de todos estes anos o tenho lido com o maior interesse.

RESPOSTAS AO POSTAL-AVISO da NOSSA EDITORIAL

Não seria possível extrair da colecção do jornal matéria suficiente para mais volumes, tanto de escritos do Pai Américo, como de outros colaboradores?

Julgo que isso seria obra útil: reduzir a volumes de pequeno formato e aspecto simples todo o compendio maravilhoso de Caridade Cristã que se encerra nas páginas do jornal.

A Caridade é uma emanção do Senhor e será também o melhor caminho para que os homens O compreendam e O amem. Só ela, bem patente na Obra da Rua e nas demais fundadas por Pai Américo, será capaz de cristianizar as massas, que andam para aí famintas de um Ideal, que só no amor de Cristo e dos Irmãos se poderá encontrar».

Agora tem a palavra o «Major do silêncio», já conhecido nas páginas do «Famoso»:

«Comecei a ler o primeiro volume do «Pão dos Pobres». Vai a pouco a pouco, porque o tempo é pouquinho, para tanto e tanto que tenho a fazer. Reservo uns minutos das minhas madrugadas para saborear tão bela e sã doutrina.

Que bom e grande Coração o do nosso Querido e Saudoso Pai Américo. Quanto se deu a tão Nobre e Alta Obra. Como do nada fez elevada cruzada do Bem.

Faz-me bem ter como princípio dos meus dias tão importantes lições de amizade e carinho para com o próximo. Saio mais calmo e parto pensando, que todos, mas todos, devemos amar o nosso igual.

Vou sempre aprendendo nas páginas que vou lendo. E findo, desejando que se esgotem os volumes das duas Obras».

Pois não senhor, ela emprega-as cultivando o seu espírito, procurando enriquecer a sua alma, e procurando tal pelo meio único e autêntico que enriquece as almas: a Caridade.

Eu agradeço à minha simpática correspondente, em nome de todos vós, a oportunidade que me deu para vos dar. E, embora não prometa «roubar-vos meia hora por mês para lhe escrever» — que o fizesse, o seu dom teria resgatado o «roubo».

Visado pela
Comissão de Censura

Mais uma presença. É da capital. E as breves e succulentas linhas são escritas mesmo em um postal — para que todos leiam e saboreiem e dêem graças a Deus. Tomem nota:

«Peço desculpa do grande atraso, pois já deve ter sido em Setembro que recebi os vossos livros. Apreciei-os muito, porque conforme me acontece com «O Gaiato» não é propriamente os grandes sofrimentos morais e físicos que os Pobres sofrem que me admiram, porque infelizmente, a cada passo os verificamos, mas sim as grandes lições que nos dão com a aceitação da cruz, a renúncia a todos os ideais que todos os seres humanos têm direito. São pois estes exemplos que sacodem a apatia que por vezes me abafa a consciência e me obrigam a olhar, não só para os meus sofrimentos, mas, também para os que me cercam».

Atenção Águeda. Fala um Homem, vergado ao peso da nossa fraqueza, da pequenez de todos os homens:

«Tenho andado a ler, ou por outra, a meditar, as páginas heróicas do «Obra da Rua», e sinto-me encantado, ao mesmo tempo que pequenino. Encantado, por tão santa, cristã, heróica, volto a dizer, vivência do Evangelho; pequenino, por ver o vazio da minha vida, comparando-a com tão sublime Obra. Tenho procurado viver, e hoje mais que nunca, uma vida cristã; continuo preocupado em centrar a minha vida em Cristo, viver e compreender a doutrina do Corpo Místico de Cristo. Mas, ao encarar as minhas imperfeições, o meu comodismo, o meu egoísmo, aquilo que de mau faço e de bom não faço, em paralelo com a heroicidade, a generosidade, o Amor, que ressaltam, não só das páginas deste livro, como dos muitos escritos do «Gaiato», que leio sempre avidamente, apetece-me cair de joelhos e chorar como Madalena».

«Cair de joelhos e chorar como Madalena», é atitude de um Cristão.

Mal de nós, se não cairmos e chorarmos como Madalena!...

Júlio Mendes

Cantinho dos Rapazes

Recebi há dias uma carta, que, pelo teor, me pareceu de uma jovem (pelo menos no espírito o seria!), a qual, sem comungar na nossa Fé, comunga sim nos nossos trabalhos. Por isso se propunha, e me propunha colaborar connosco mediante uma migalhinha mensal tirada ao seu salário. Como, porém, esta lhe parecesse muito pequenina, perguntava-me, se valeria a pena; e para justificar a pequenez, revelava-me, com simplicidade encantadora, o seu deve e o seu haver, demonstrativos de que não podia ir além — e ainda assim a renúncia era já uma boa percentagem dos seus «alfinetes».

Não pude deixar de responder logo a uma carta tão transparente, que me deixou ver, não um rosto, mas uma alma de pé e ansiosa de voar mais alto. E logo veio também sua resposta, que eu não resisto a revelar-vos:

«A sua carta deixou-me duplamente feliz. Primeiro, por ver que pode haver, e há, pessoas que não estão na nossa margem, pessoas do lado de lá, e que no entanto são capazes de alinhar connosco, de nos compreender, de descobrir por uma simples carta que somos jovens. Segundo, achei maravilhoso a sua opinião sobre negócios. Confesso que quando lhe escrevi nunca pensei que a minha pequena ideia fosse acolhida com tanta simpatia. Espero começar a concretizá-la no fim do mês corrente.

Agora, e peço desde já que me desculpe, gostaria de lhe propor uma coisa. Eu sei que deve ter o tempo muitíssimo ocupado com os seus rapazes, mas se lhes roubar meia hora por mês, para me escrever, ouio bem que isso não

os irá afectar. Poderá ser? Sabe porque é que eu desejo mais que tal possa acontecer? É porque no meio onde vivo, as minhas ideias e opiniões são aceites, porque todos no fundo as professam; mas se eu as expuser a uma pessoa que não contacte comigo, que tenha outras concepções, pode ser que eu veja onde estão os erros das minhas.

Eu por exemplo adoro ler. Já passaram pelas minhas mãos, livros dos mais diversos autores, com as opiniões mais díspares. Eu leio-os e fico com uma ideia sobre o livro; exponho-a à minha irmã que também o leu e geralmente estamos de acordo na apreciação da obra. Ora eu calculo que deve haver milhares de pessoas que não vêem o livro sob o mesmo ponto de vista do que nós, e era precisamente por isso que gostaria de falar com alguém que professasse crenças diferentes das minhas e que como tal deve ter uma segunda crítica a fazer àquela que eu fiz primeiro.

Além disso não é só sobre livros que eu gosto de debater ideias; também gosto de o fazer sobre leis da vida e morte, sobre o curso dos tempos, desde o princípio até à Eternidade. O Infinito é um problema que me preocupa ao lado do da Criação».

Esta carta é um documento de redenção de uma juventude prostrada, a quem não interessa mais que o prazer fácil do instante que passa, que passa sem nada deixar.

Já a primeira carta, como disse, deixava entrever grande abertura e sinceridade. Esta confirma-a. Abertura ao pensamento e ao sentido dos outros,

dos quais ela espera ter algo a receber e aos quais poderá dar também algum valor do seu espírito, em trocas de ideias estabelecidas num plano firme pela ausência de preconceitos.

Há aqui uma afirmação de personalidade; e uma confissão de que a julga inacabada. Por isso mesmo a deseja aperfeiçoar, completar com o que outros lhe poderão trazer, outros, de preferência que não digam amen aos seus conceitos e convicções, outros que lhes rebatem, que lhes discutam, porque vêm de uma outra perspectiva.

O aplauso para ela, será o fruto de uma crítica sincera que a ajude a ver os seus erros — sim, porque ela de princípio admite que os tenha.

É pois a Verdade o que ela busca. Com tais disposições, humildes, sãs, prontas à Caridade, que é dar e receber — com certeza que há-de chegar à Verdade, com aquele máximo de certeza, com aquela maior purificação de erros que é possível à humana limitação.

Mas não só este estado de espírito me impressiona em sua mensagem. Também os seus interesses: livros; e não só livros, mas «também debater ideias sobre as leis da vida e morte, sobre o curso dos tempos, desde o princípio até à Eternidade; sobre o Infinito, um problema que a preocupa, ao lado do da Criação».

Ora ela é uma rapariga que trabalha. A suas horas livres não são demasiadas. Poderia aspirar a afogá-las em nada, como tantos fazem, para se recompor do esforço de cada dia, para o seu «relaxing», como se diz agora.



PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

OS NOSSOS POBRES — Em uma freguesia tão grande, como a nossa, surgem por vezes casos de miséria, ou pobreza, que não podemos nem devemos ficar de braços cruzados. Há que andar prá frente. E dar as mãos. E trabalhar.

Ele era um homem válido. E trabalhador. Iniciava o lugar de mestre da construção civil. A vida começava a scrrir. E os projectos seriam, como os de todos aqueles que tomam a responsabilidade de uma nova empresa — progredir. Às tantas, porém, surgiu o imprevisto: adoeceu. Como já era patrão não pôde beneficiar dos benefícios da Previdência. E foi um desabar económico: médicos e remédios e alimentação especial e, por fim, sanatório. O caso já nos havia sido contado. Estávamos para tomar a dianteira. Até que o Senhor quis viesse o sogro até nós. Tudo batia certo! Implorou ajuda. Dissemos que sim. E van os prá frente, com mais um e com o vosso apoio e ajuda.

O QUE RECEBEMOS — A nossa Liga de Amigos engrossa! Graças a Deus. A maioria é anónima, discreta. O comum das nossas fileiras. Entre eles, porém, há os que, simultaneamente, se rasgam em depoimentos salutares. Que

fazem bem em ambos os sentidos. Ora reparem como é verdade:

«Desde que me conheço que amo a Obra, embora com este cómodo e longínquo amor de quem não tem a coragem suficiente para cumprir a ordem do Mestre: «Larga tudo o que tens e segue-Me!» Nem sequer a coragem de, mesmo sem dar-se, dar aquilo que em verdadeira consciência podia dar. Apesar disso de tempos a tempos, acordo; em especial no princípio dos anos, quando chega a altura de enviar a minha contribuição para «O Gaiato» (não digo, pagar a assinatura porque o «Famoso» não tem preço!). De modo que hoje mesmo lhe enviei uma pequena parcela da minha dívida para com a Obra da Rua: um vale postal de 500\$00 seguiu em seu nome, como de costume. Se me atrevesse a sugerir a aplicação de tão ínfima migalha, escolheria a caixa de uma das vossas Conferências de S. Vicente de Paulo!»

Que linda carta! Ficámos com 300\$00. O resto foi para o «Famoso». Mais que o dinheiro, porém, é a lição deste Amigo. Ela é que vale. E ele sabe, e diz com ênfase, que o dinheiro não vale nada, quando o Homem-espírito está em causa.

Mais um vale de 20\$00 de A. F., do Porto. A propósito: boa Amiga, quando fizer o mesmo, futuramente, tenha a bondade de nos dar sempre uma palavrinha, cá por via das nossas contas. Entendido? O dobro de mais uma Amiga, cuja persistência também nos cala fundo: a assinante 17022, de Portalegre. Se for alentejana, eu também sou! Mais 100\$00 doutro assinante, o 18079. Mais uma nota de 50\$00 de um Médico muito amigo, das Caldas da Rainha. E 40\$00 de Aveiro, assinante 9930. Mais 100\$00 de «Cruz», da Beira. Gostamos de o ver por cá, já que é assíduo noutros sectores do «Famoso». Outra migalha, da assinante 17096 — 10\$00. O mesmo, do assinante 26216, de Infesta. Nova migalha (o mesmo quantitativo) da Rua Monte da Bela — Porto. O fecho da coluna cabe a Lourenço Marques, pela mão da assinante 32950, com 50\$00. Que belo ficarmos aqui! Eu gosto muito, muito, de Lourenço Marques, a Princesa do Indico — a Cidade Jardim!

Para todos um muito obrigado. E continuem.

Sois o nosso grande apoio. Deus vos pague!

Júlio Mendes

BELÉM

ANO NOVO — Foi muito bem passado. Houve muita alegria, muita música e também dança.

De manhã fomos à missa, umas à cidade à das 8 e meia e as restantes à das 9 e meia a Vil-de-Moinhos. Depois começou-se a fazer o almoço. Foi arroz com coelho, a sopa foi de feijão com massa e sobre-mesa foi de rabanadas.

À uma hora fomos almoçar. A nossa Mãe não estava cá, mas telefonou a dizer para fazermos um magusto.

À tarde, no fim de estar tudo pronto, fomos para o recreio, fazê-lo. Já lá tínhamos a caruma, porque as pequenitas já tinham ido a ela. Começamos então por pôr as castanhas no chão depois deitámos-lhe uma camada de areia até as cobrir, e por fim pusemos-lhe a caruma. Enquanto elas se assavam, algumas saltavam à fogueira. Assim estivemos nós muito animadas até à hora de se fazer o jantar.

O jantar correu também muito bem, e no fim continuámos na mesma alegria.

A NEVE — Na segunda feira, à noite, começou a nevar. Estávamos nós a rezar o terço quando demos conta que a neve caía em flocos.

No fim do terço, dissemos à nossa Mãe que já estava a nevar e ela respondeu que era capaz de não pegar, porque tinha chovido.

Mas pegou!

Marina

A ociosidade causa maior mal a muita gente! E aqui temos verificado, em muitos, que se queixam muito mais quando nada os ocupa nesses momentos!...

Parecem folhas caídas!

Mas, não como outrora, sujeitando-se a todas as «calçadas» da sociedade!!

Manuel Simões

Paço de Sousa



O Alberto «Resende», novo chefe maior.

CALVÁRIO

Pequenas notícias duma grande Obra:

● **AINDA...** — Graças a Deus e aos que não recusam contribuir para o nosso bem, tivemos um Natal bem passado.

● **NOVO ANO** — 1967 já começou. E com ele de certo virá o renovar de tanta coisa...

Esperamos que isso aconteça com os nossos amigos que decerto acalentaram esperanças no ano transacto. E, se não ficaram desiludidos aparentemente creiam que não valerá a pena continuar... Não pense assim Amigo. Para a frente sem olhar para trás! Confiamos.

● **ANIVERSÁRIO** — 27 anos faz a Obra neste mês. Grande já ela é! «Se Deus quiser há-de ser tão grande quanto fôr possível, e aonde Ele quiser!»

No dia que ela Lhe é consagrada tivemos a dita de festejar a consagração ao maior nome da terra: Santíssimo Nome de Jesus!

Com fé, alegria e saudade. Fé; no auxílio de quem toda a Obra depende; alegria, por chegar até hoje sempre fiel aos princípios ditados pelo Fundador; Saudade, Daquele que por todos é sempre recordado como Pai: o nosso querido Pai Américo! Não se podia, pois, deixar de o ouvir, embora a sua voz estivesse gravada, nem por isso deixou de estar presente no espírito de quem teve a dita de o conhecer neste mundo!

● **FOLHAS CAÍDAS...** — Este ano não houve bolota. Mas nem por isso as respectivas carvalhas deixaram de ocupar uns tantos que embora inválidos se tornaram menos ociosos ao varrerem as folhas caídas.

Assim nem há tempo para lastimar o que causa tormentos!

«Até os dias passam sem darmos por isso, à semana!», dizem, com razão, muitos destes que aos olhos do mundo parecem não valer «nem um tostão»...

ELEIÇÕES: — Amigos leitores: como é da praxe realizar anualmente eleições, não podemos deixar de vos dar umas luzitas sobre este assunto, que tem um conteúdo de muita seriedade.

Pois bem, as eleições este ano foram totalmente diferentes, dos anteriores, no que verdadeiramente toca à parte da votação geral.

Então, para ser aceite o novo Chefe, Sr. Padre Carlos deu um palavrinha de justificação sobre o acto — na presença de toda a comunidade — salientando a opinião geral os factos e os motivos, de a eleição não ser formal. Assim, temos como novo Chefe-Maioral, para ocupar o lugar do nosso Zé Adolfo, que decidiu lançar-se na vida extra-muros, o nosso António Alberto «Resende» e como Sub-Chefe José Pereira de Pinho.

Por hoje é tudo; formulamos sinceros votos de uma excelente carreira para o novo Chefe-Maioral, e para o Sub-Chefe.

António Ferreira Leite



O Pinho, sub-chefe da comunidade.



Recordas-te ainda dos meus desabafos no penúltimo Natal? Foi tão frio, tão frio do teu amor e da tua ausência que iam ficando gelados.

Hoje vou falar-te do último. Acompanhaste-me, com certeza, a receber o Senhor naqueles cinco pequenitos que vieram e nos dois que virão por estes dias e dos quais depois te contarei. Não sei se terás fé e humildade suficientes para O reconheceres nestes que vamos recebendo. Felizes aqueles que O recebem.

Sempre procurámos que a participação na nossa vida não fosse tida como esmola. O Senhor não precisa das nossas esmolas. A esmola é uma humilhação para quem a recebe e um falso pedestal para quem a dá. O Senhor pede a nossa participação nas Suas obras.

Repara como participaste neste nosso último Natal: — a última prestação para a casa da família de treze filhos, oferecida por uma tripeira em Coimbra; um envelope com uma casa a construir onde for necessária e que só o Pai do Céu saiba do amor com que foi entregue; os funcionários dos C. T. T. de Coimbra andam outra vez a arder; várias lembranças em medicamentos, roupas e dinheiro para os irmãos doentes do Calvário.

O carinho de todos os conimbricenses que nesta altura nos lembra, dum modo especial, as famílias que de há muitos anos nos visitam neste dia. Este ano todos comemos bolo-rei, embora pouco. Procurámos dividi-lo bem.

Muitos envelopes e embrulhos no Castelo. A Maria Te-

reza e os outros dão sinal alegre quando passo à porta; venha cá, que hoje tem sorte. A minha sorte é encontrar ali pão para os meus filhos. Muitas cartas e coisas de carinho levadas ao Lar; recados para irmos buscar coisas a vossa casa. Nunca perguntamos se presta. Tudo presta se é dado por amor. Só não presta quando dá por estorvo.

Várias promessas e intenções piedosas e aflições; muitos tome lá em Santa Cruz e à porta, na Sé Nova e na rua; a nossa O M de Setúbal foi a Cacia buscar mobílias de muita estima.

Cartas, cheques, vales e embrulhos de Lisboa; um casal muito amigo com abundância de bacalhau e um cheque para as batatas e azeite. Alguns dos nossos rapazes, hoje casados e lançados na vida, completaram os mimos da consuada. Foi uma das grandes alegrias do último Natal.

Recados aos nossos pequenos vendedores de «O Gaiato» em Coimbra, Figueira, Leiria, Tomar, Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Lousã e Miranda do Corvo. Eles entregam tudo babados da confiança.

Vales, cartas, cheques, libras d'oiro, embrulhos de: Leiria, Entroncamento, Gavião, Figueira, Mira, Cantanhede, Ilhavo, S. João da Madeira, Mealhada, Covilhã, Avô, Vila de Rei, Tomar, Castelo Branco, Taveiro, Miranda do Corvo, Canadá, Porto, Lousã e Tete de Moçambique.

Louva comigo o Senhor.

Padre Horácio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE